



"Dois filósofos", de Jusepe de Ribera, Lo Spagnoletto (1591-1652), pintor tenebrista espanhol. Obra do Museu do Hotel Sanderlin, em Saint-Omer (França).

RELACIONAMENTO ENTRE MÉDICOS: QUEM É O DONO DA VERDADE?

DR. EDUARDO MURILO NOVAK

Diversos são os casos de conflitos envolvendo dois profissionais médicos. Muitos enfileiram os tribunais éticos, outros as cortes de justiça do país. O fato é que se houvesse racionalidade, e se existisse o entendimento de que o melhor caminho é a paz, muito disso seria evitado. As partes poupariam enorme tempo, não esvaiam a tranquilidade de suas consciências e o paciente, vértice da relação, não seria afetado.

Antero de Quental (1842-1891), que representava a estética realista, desgostoso com o romântico Antônio de Castilho no episódio que dividiu o Realismo e o Romantismo conhecido como Questão Coimbra, escreveu ao final da carta pública *Bom Senso e Bom Gosto*:

"V. Exa. precisa menos cinquenta anos de idade, ou então mais cinquenta de reflexão."

E deste modo assina, referindo-se ao romântico Castilho: *"Nem admirador, nem respeitador. Antero de Quental."* E a vida é assim. Ou nos instruímos com nossos erros

e nossa experiência no fluxo normal de nossa existência, ou deveríamos voltar no tempo para, quem sabe, num ápice de sensatez passássemos a aprender, e dessa forma não permaneceríamos recônditos em nossa escassez de sabedoria.

Medicina é arte. Medicina é ciência. Medicina é cordialidade. Medicina é empatia. Medicina é amor. Medicina é compaixão. Medicina é altruísmo. E Medicina é humildade. Uma vez que o então estudante opta pela carreira, deve ter em mente esses princípios, para poder exercer com louvor, entre tantas, a nobre e difícil missão de curar – ou tentar, ao menos.

Não obstante, deve ser dito que o médico tem dever de urbanidade, de tratar com apreço e cortesia o colega. Dos Princípios do Código de Ética Médica:

XVIII - O médico terá, para com os colegas, respeito, consideração e solidariedade, sem se eximir de denunciar atos que contrariem os postulados éticos

Ocorre que não são fortuitas as vezes em que se vê desavença entre profissionais. Muitas dessas são instiladas por arrogância, pedantismo, em que geralmente um – às vezes o outro também – julga-se estar num altar em que não se admite o contraditório, de onde enxerga seus pares como meros subservientes ou vassalos. E para complicar, nesse momento considera frívolo o sentimento do paciente, o qual é atingido por questões burocráticas que não lhe dizem respeito; apenas postergam a solução do seu caso.

Nesse sentido, vez ou outra são noticiadas situações em que um ofende o outro – algumas vezes por escrito –, pois entende, por exemplo, que o encaminhamento realizado pelo colega foi incorreto. Ora, se há algo a sanar, por que não o fazer de modo afável, civil? Não é assim que todos gostamos de ser tratados? Ou, extrapolando um pouco, não é isso que Kant leciona no exercício analítico da razão, na sua *Crítica da Faculdade de Julgar*, naquela máxima “pensar colocando-se no lugar do outro”, para que possamos pensar de uma maneira alargada? Não é desse modo que a Medicina se tornaria melhor?

O intrigante nessa história é que provavelmente essa pessoa não age assim somente na sua relação profissional. A mãe também deve ter sofrido desde sempre com a prepotência, o pai não faz a questão da visita no fim de semana, o preceptor sentia alívio com sua ausência no estágio, e os amigos, se existirem, aproveitam-se de um mínimo naco de bondade sobrenadante que é inerente a todo ser humano – ao menos isso – e, por terem que con-

viver apenas em uma pequena fração de tempo, conseguem tolerá-lo por esses poucos minutos de lazer.

O mesmo acontece na lida com o paciente, o qual é visto pelo arrogante como um estorvo ordinário que só está ali para mover-lhe da inércia e apenas satisfazer as necessidades de seu ego, ou mesmo exclusivamente de suas questões pecuniárias. Esse profissional não se esforça o mínimo para ser cordial ou oferecer o compadecimento quando isto é a única alternativa naquele ato.

Professorar a moral, ressalva-se, não é cabível a ninguém, evidentemente, pois todos somos falíveis. Mas temos que entender que a Aleteia, a verdade para os gregos, é difícil de ser descoberta, ainda mais quando se trata de uma área absolutamente humana como a nossa. E se é complicado encontrar essa verdade, devemos ter a humildade para conter a impetuosidade, de sorte a não rechaçar de plano as ideias ou manifestações de terceiros. Assim, ouviremos o contraditório, e podemos almejar que as coisas sejam deliberadas de maneira harmônica, com objetivo de que fique razoável para todas as partes, principalmente para o paciente.

Como dito, a falibilidade é inerente ao humano, e todos temos os momentos em que podemos estar passando por situação de vulnerabilidade emocional. Mas é nessa hora que aqueles anos de experiência referidos por Quental deveriam nos ensinar a abraçar a serenidade, para que não tenhamos que gastar a borracha mais do que o lápis – principalmente se a ofensa for lavrada pela caneta. 

“Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.” FERNANDO PESSOA

“Quanto mais a sociedade se distancia da verdade, mais ela odeia aqueles que a revelam.” GEORGE ORWELL

“O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.” NISE DA SILVEIRA

“O tempo é precioso e é preciso usá-lo com esperança. Entre o começo e o fim, tem uma coisa chamada vida.” LEANDRO KARNAL

“Futuristas e o bom senso concordam que uma mudança substancial, em todo o mundo, no estilo de vida e nas diretrizes morais logo se tornará uma necessidade absoluta.” ROGER SPERRY

“Ninguém se preocupa em ter uma vida virtuosa, mas apenas com quanto tempo poderá viver. Todos podem viver bem, ninguém tem o poder de viver muito.” SÊNECA

“Se você não pode falar bem de uma pessoa, é melhor não dizer nada.” EPICTETO

Aforismos